

PARA UM CONCEITO MARXIANO DE EDUCAÇÃO*

Justino de Sousa Junior

Das utopias

Se as coisas são inatingíveis...ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A mágica presença das estrelas!

Mário Quintana

RESUMO

Este artigo apresenta uma tentativa de discutir o que consideramos caráter pedagógico das elaborações marxianas. Faremos isso através de uma leitura imanente, como de diálogo com comentadores. Tal caráter seria ontológico, porque próprio da natureza do processo de construção ou desconstrução do homem e imanente à práxis humana.

RESUMÉE

Cet article présente une tentative de discuter ce que nous considérons comme caractère pédagogique des élaborations marxiennes, à travers une lecture immanente comme le dialogue avec des commentateurs. Tel caractère serait ontologique puisqu'il est propre de la nature du procès de construction ou déconstruction de l'homme et immanent à la práxis humaine.

INTRODUÇÃO

Como é sabido, em Marx a educação não se constitui como um problema central, pelo menos se tomada no sentido corrente e estrito. Porém, a despeito de ser um tema que reconhecidamente não obteve o essencial esforço teórico do autor em questão, ainda assim produziu-se uma razoável

* Texto extraído da dissertação de mestrado intitulada *Sociabilidade e Educação em Marx*, defendida em março de 1994 no Programa de Pós-graduação em Educação da UFC, sob a orientação do Dr. Ozir Tesser.

quantidade de trabalhos que procuram resgatar a contribuição marxiana para a questão.

Este artigo apresenta uma tentativa de discutir o que consideramos caráter pedagógico das elaborações marxianas. Faz-se necessário dizer que, sendo apenas um excerto de pesquisa mais totalizante, não deixa de ser compreensível em si mesmo. Na sua totalidade, a pesquisa parte da consideração segundo a qual o problema da educação aparece em Marx sob um duplo aspecto: de um lado está o que consideramos a abordagem explícita da educação, isto é, o momento em que problemas de educação são diretamente tematizados pelo autor; de outro lado está o que chamamos de abordagem implícita ou pressuposta, que é justamente quando a educação aparece como algo imanente às categorias marxianas ou, dizendo de outro modo, quando a elaboração marxiana se mostra revestida de um caráter pedagógico, porque este caráter seria ontológico, ou seja, da natureza da construção ou desconstrução do homem. Apenas se concebida como atividade essencial da vida humana é que a educação pode ser considerada como elemento constitutivo das elaborações marxianas. Desse ponto de vista pode-se dizer que a educação está - como "el mosquito en la piedra"- associada às elaborações marxianas. Assim, não há como pensar o ser social, que vive porque trabalha e pensa-fala com outros, sem que se ponha em relevo o caráter pedagógico desse processo de construção-desconstrução da sociabilidade humana. A parte da pesquisa que ora se publica, na forma deste artigo, se concentra exatamente no segundo aspecto.

Não é um completo devaneio se associar o entendimento de história de Marx a um certo caráter educativo. Senão, observemos: de antemão, são o homem e a natureza sensível a matéria da história, ou seja, a relação entre homem e natureza é precisamente o sentido do processo histórico, pois a natureza embora exista anterior ao homem e independente dele, sua história natural sem a ação do homem não constitui questão interessante. Mas a essência humana são as relações sociais, isto é, a essência genérica do homem é a sociabilidade, então, associados, os homens exercem sua atividade prática sobre a natureza, e dessa relação se obtém os meios materiais necessários à existência humana, cujo caráter social, por sua vez, é uma exigência histórica. A linguagem, por seu turno, aparece como mediadora tanto das relações dos homens entre si (relações intersubjetivas), como da sua ação sobre a natureza. O homem é, então, um ser inacabado que se constrói justamente através dessas relações, é a constante busca do aperfeiçoamento dessas relações fundamentais no sentido de tornar a existência humana cada vez menos difícil, eliminando os obstáculos que se impõem a esta evolução.

Desenvolvendo ainda um pouco a consideração segundo a qual o processo histórico de formação do homem surge como um processo educativo - antes de buscarmos justificativa no próprio Marx - vejamos como dois outros autores reforçam a tese em questão.

Ao comentar a terceira tese sobre Feuerbach, o filósofo italiano R. Mondolfo afirma:

"Há uma intervenção contínua do homem ao produzir as modificações do ambiente social, histórico; há nesta ação um processo contínuo de educação pelo qual o próprio educador termina educado, e opera, portanto, sobre os demais completando a sua educação."(1967:217)

O autor está se referindo a dois momentos especiais para a formação do homem: a práxis transformadora da exterioridade que, uma vez transformada, atua ao mesmo tempo sobre o homem ativo, e as relações sociais intersubjetivas, que são processos concomitantes.

O mesmo autor cita uma passagem dos Manuscritos de 1844, numa tradução em que é reforçada a idéia de que o processo histórico da sociabilidade humana é um processo educativo. Ele a apresenta assim: "A educação dos cinco sentidos é obra de toda a história do mundo até hoje."¹⁴⁰ Aqui a palavra "educação" é equivalente a "formação" usada noutras traduções. Se não for bem entendida, ela pode parecer afirmar que os cinco sentidos são já dados naturalmente e apenas se educam no decorrer da história. Quando Marx afirma que a formação (educação) dos cinco sentidos é obra de toda história humana anterior, está justamente ressaltando o caráter processual do desenvolvimento do homem em que toda a subjetividade se constrói na relação com a objetividade que se lhe apresenta.

M. F. Enguita é mais um que pode confirmar a tese que estamos colocando. Ele aponta:

"Mas se fugimos da identificação estreita da educação com a escolarização e tratamos de compreender aquela como o processo geral e mais amplo da formação do homem -, e com ou sem Marx, existem razões suficientes para fazê-lo -, então não há dúvida de que a obra de Marx, uma vez restaurada em toda sua complexidade e livre de simplificações, tem muito que dizer a respeito."(ENGUITA, 1993:85)

Em seguida, após comentar alguns escritos de Marx, abordando o conceito de homem e o problema da formação deste, ele afirma que

"A educação ou formação apresenta-se em Marx, para empregar a expressão de A. Santoni Rugiu, como um "componente inseparável de toda a vida do homem. Reduzir esse componente à educação que se ministra no âmbito escolar seria apenas agarrar-se à concepção

burguesa da educação ao reflexo ideológico do estágio atual da divisão do trabalho, que converteu a educação num ramo separado."(Idem, Ibidem: 95)

Este autor consegue, portanto, identificar na maneira como Marx concebe a formação do homem como um processo de educação em que os homens se formam (educam) nas relações sociais que estabelecem, cujo fundamento é a atividade prática produtora da vida - intercâmbio com a natureza. Os dois autores citados atingem conclusões semelhantes embora sejam obras cujas datas de publicação correspondem a épocas diferentes.

A partir de inferências no texto de Marx podem-se fazer as seguintes elaborações: a) sociabilidade, linguagem e trabalho são o fundamento da história humana; b) a linguagem é mediadora de toda práxis dado que está essencialmente ligada à consciência; d) o trabalho é a atividade que produz materialmente a vida; e) o homem é um ser que se constrói no conjunto das relações, num movimento constante, num processo infinito. Se todas essas elaborações estão corretas, não há como recusar um certo caráter educativo. Como afirmou Enguita, se é nesses termos que se dá o desenvolvimento do homem, com Marx ou sem Marx, esse desenvolvimento deve ser tomado como processo educativo.

Uma vez tendo ficado patente enquanto processo de educação o processo de formação do homem, que se dá através da constituição e transformação constante das relações sociais que se engendram sobre a base da produção material da vida, como se poderia considerar esse processo, até aqui tratado um tanto genericamente, sob as determinações concretas da sociabilidade burguesa em que "o trabalhador pertence ao capital antes mesmo de vender-se ao capitalista"(MARX, 1989:672) e cujo caráter alienado universal é destacado por Marx?

Nas condições históricas determinadas das relações sociais burguesas, as considerações de Marx sobre o problema da formação do homem se apresentam sob uma forma especial. Como é sabido, as relações sociais nesta etapa histórica são baseadas na posse do valor-de-troca; a produção se funda na concentração dos meios de produção; o trabalho assalariado e o movimento de valorização do capital se sobrepõem a toda a sociabilidade como um movimento independente da vontade dos indivíduos e, em tal medida, esse movimento é alienação universal. Mas, no trabalho, especialmente, a alienação do produto e a alienação da atividade afetam diretamente e em todos os sentidos os trabalhadores e não os capitalistas. A sociabilidade burguesa em seu conjunto, segundo aponta Marx, contraditoriamente, e por extensão mesmo do seu caráter contraditório

inamente, tende a afetar os trabalhadores negativamente, ao mesmo tempo em que cria a possibilidade de desenvolverem-se, em seu seio, associações dos explorados que podem se configurar potencialmente em formas alternativas de sociabilidade ou, senão, pelo menos, obriga os explorados a se organizarem para resistir às investidas do capital, resistência esta que, em si mesma, pode apontar para a superação da sociedade capitalista. É daí que, segundo Marx, a história atribui ao proletariado exclusivamente a tarefa e as condições propícias para encabeçar o movimento que poria abaixo a ordem social vigente.

O aspecto do conceito marxiano de educação que corresponde ao processo amplo de formação do homem, discutido mediante as determinações concretas da sociedade capitalista, assume a contradição própria do trabalho na produção capitalista em que há negação do homem e ao mesmo tempo criam-se as possibilidades de emergência do novo homem. Essa contradição perpassa toda a sociabilidade capitalista, inclusive os dois aspectos que compõem o conceito marxiano de educação. A escola mesma é perpassada pela contradição central da sociedade capitalista, no entanto ela cumpre papel limitado para a realização da emancipação humana. É sobretudo fora dela que o proletariado deve educar-se até tornar-se capaz de assumir a vanguarda do movimento revolucionário. O processo amplo de formação do homem, nesse contexto, segundo entende Marx, tem um fim claro, determinado que é revolucionar as relações vigentes, erigindo uma nova ordem social em que se faz possível o desenvolvimento livre dos homens a partir de sua atividade vital livre. Nesse sentido, o problema fundamental da educação, no entendimento de Marx, se localiza essencialmente no processo de educação do proletariado, único meio pelo qual se pode passar da alienação universal à sociabilidade dos homens livres. Assim, a organização do proletariado é um processo educativo fundamental para Marx, no qual aparecem como questões importantes o papel das associações operárias de toda ordem, partidos, sindicatos etc. e ocupa posição de destaque o conceito de revolução.

Todavia, mesmo compreendendo a revolução como processo educativo fundamental para o futuro, não se pode tomar este processo como um recorte, é preciso compreender que a sociabilidade, assim como todas as suas determinações materiais e históricas como uma totalidade, representa uma instância educativa no interior da qual o processo revolucionário se localiza e aparece como um dos processos contraditórios.

B. Suchodolski, um autor que pesquisa sobre o problema da educação em Marx, no seu trabalho Teoria Marxista da Educação, reserva uma unidade

para discutir o processo revolucionário enquanto processo educativo, o qual se intitula "A educação pela revolução". Neste trecho o autor destaca muito bem o papel da revolução para a formação do homem novo, mas não atribui ao todo da sociabilidade burguesa, no interior da qual se desenvolve o processo revolucionário, a devida importância como gestora de um amplo processo contraditório formador dos indivíduos, inclusive do processo revolucionário. O processo revolucionário não surge da vontade dos indivíduos, mas é forjado pelas condições históricas concretas da sociedade capitalista e, como temos considerado, toda a vida social cotidiana, a constituição, desenvolvimento e transformação das diversas formações sociais são um processo amplo de educação. Deste modo, a revolução, para ser considerada como processo educativo, tem de ser vista antes como um processo dentro de outro processo mais amplo.

Na sociabilidade burguesa, como já foi demonstrado, a formação-educação do indivíduo dá-se de dupla forma: como resultado direto ele se mostra alienado perante um movimento estranho que foge ao seu domínio e controle consciente, por outro lado, contraditoriamente, são desenvolvidas as condições concretas para o surgimento, ainda que embrionário, do homem livre ou seja, a sociabilidade burguesa nega a humanidade do homem mas, contraditoriamente, cria as condições para que ele proponha e lute pelo seu desaparecimento. É apenas nesse sentido que a revolução pode ser entendida como processo educativo, como movimento engendrado por determinadas forças históricas, por uma determinada forma de vida social após atingido certo desenvolvimento que, em si, já é um processo amplo de educação. E embora seja a revolução a educação decisiva, única saída possível para superar a alienação burguesa, ela não é o único processo educativo, nem surge isolada do conjunto dos processos sociais.

Quanto ao caráter educativo do processo revolucionário, no sentido que temos desenvolvido, Marx coloca numa passagem de "A Ideologia Alemã":

"... Tanto para a produção massiva desta consciência comunista como para a realização da própria causa, é necessária uma transformação massiva dos homens que só pode processar-se num movimento prático, numa revolução; que, portanto, a revolução não é só necessária porque a classe dominante de nenhum outro modo pode ser derrubada, mas também porque a classe que a derruba só numa revolução consegue sacudir dos ombros toda a velha porcaria e tornar-se capaz de uma nova fundação da sociedade."(1981:51)

Marx confirma nesta passagem a revolução como única possibilidade através da qual pode-se fundar a nova sociedade. Como processo de transformação das circunstâncias, tornando-as favoráveis ao desenvolvimento do homem

não-alienado, a revolução é um processo transformador-educador do homem e das circunstâncias, que ao mesmo tempo carece de uma educação para realizar-se. Ela não só é educadora do homem, como imprescinde de uma educação prévia para se realizar. A revolução é auto-transformação do homem, é práxis humana, atividade finalista que intervém transformando as circunstâncias em relação com as quais o homem se constrói. Uma nova consciência só será possível se houver uma transformação do homem, e esse homem transformado, a partir do qual pode surgir a nova consciência, apenas através de um movimento prático revolucionário é que poderá emergir historicamente.

Mas, se o homem não alienado e a nova consciência apenas por meio de uma revolução é que se podem efetivar, se antes disso as condições em que está colocado o homem são de alienação e estranhamento, que tipo de homem então fará esta revolução e de onde ele surgirá?

É sobretudo diante de questões como essa que se coloca com relevância a importância do segundo aspecto do conceito marxiano de educação. É um grave erro desconsiderar a sociabilidade como um todo, isto é, desconsiderar todo o intercâmbio espiritual e material e as relações de produção, como momento fundamental para a formação do homem, em que a revolução é apenas um momento conseqüente de todo o movimento do conjunto da vida social burguesa. Esta sociabilidade mesma é que engendra a necessidade, as condições e a disposição do movimento revolucionário que pode subvertê-la, como engendra o sujeito que pode vir a realizar esse processo.

Essa dialética é exposta por Marx em "A Ideologia Alemã" da seguinte forma:

"O comunismo não é para nós um estado de coisas que deva ser estabelecido, um ideal pelo qual a realidade (terá) de se regular. Chamamos comunismo ao movimento real que supera o atual estado de coisas. As condições deste movimento resultam da premissa atualmente existente."(1981:46)

Estamos tratando do processo histórico de transformação social, no estágio da sociedade burguesa, como processo educativo em que o ponto a que se chega após a subversão da ordem atual é chamado comunismo - não se discute aqui, pormenorizadamente, as questões referentes ao processo de transição, da ditadura do proletariado etc. Os indivíduos - no caso, os explorados, os oprimidos pela ordem capitalista - aglutinam-se a partir das condições existentes, estabelecem como proposta de sociedade futura a que seja baseada na liberdade e igualdade material, numa comunidade que submeta ao seu controle a vida social. Eles intervêm violentamente nas

circunstâncias dadas em busca de criar as condições de desenvolverem seu projeto futuro, o qual, por sua vez, nasce das condições materiais dadas. Todos os processos históricos da vida social em geral são educativos na medida em que formem, transformem o homem, e esse - o processo revolucionário - em especial, por aproximar-se da emancipação e por estabelecê-la como fim. Sobre as premissas materiais deste movimento histórico, Marx afirma:

"Esta alienação, para continuarmos compreensíveis para os filósofos, só pode ser superada, evidentemente, dadas duas premissas práticas. Para que ela se torne um poder insuportável, isto é, um poder contra o qual se faça uma revolução, é necessário que tenha criado uma grande massa da humanidade "destituída de propriedade" e ao mesmo tempo em contradição com um mundo existente de riqueza e cultura, o que pressupõe um grande aumento da força produtiva, um grau elevado do seu desenvolvimento - e, por outro lado, este desenvolvimento das forças produtivas (com o qual já está dada, simultaneamente, a existência empírica dos homens em nível histórico-mundial, em nível local) é também uma premissa prática absolutamente necessária porque sem ele só a penúria se generaliza e, portanto, com a miséria também teria de recomeçar a luta pelo necessário e de se produzir de novo toda a velha porcaria, e ainda porque só com este desenvolvimento universal das forças produtivas se estabelece um intercâmbio universal dos homens, que por um lado produz o fenômeno da grande massa "destituída de propriedade" em todos os povos ao mesmo tempo..."(Idem., p. 45-6)

Esse movimento, segundo Marx, não se consolida plenamente se não partir dessas premissas e se não se constituir num movimento mundial e permanente.

Apenas para evitar qualquer interpretação que identifique, na elaboração de Marx sobre a transformação da sociedade atual para a construção da sociedade comunista, um entendimento da história como um ciclo fechado, em que esta última seria o fim da história humana, vejamos uma passagem do escrito de 1844: "O comunismo é a forma necessária e o princípio dinâmico do futuro imediato, mas o comunismo não constitui em si mesmo o objetivo da evolução humana - a forma da sociedade humana".(MARX, 1989b, p.205)

A história humana é um todo que não tem um ideal de sociedade a seguir, e nem poderia, pois a sociedade humana em geral é uma abstração ("embora razoável"), e em cada etapa histórica específica, em cada situação determinada, se constróem formas sociais as quais, por sua vez, forjam no seu interior projetos diferentes de sociedades futuras. Para a classe dominante burguesa a sociedade burguesa é o ideal eterno de sociedade, mas

para o restante, a imensa maioria, o proletariado, o comunismo surge como objetivo imediato, que se torna aspiração universal devido à universalidade do desenvolvimento do capital, mas nunca aspiração absoluta e eterna, pois também as aspirações são históricas.

O processo de formação do homem, inclusive no comunismo, tem sempre uma base material. Fazem parte de um mesmo processo o desenvolvimento material das forças produtivas (premissa material do comunismo) e o crescimento intelectual, organizativo, bem como a consolidação da consciência revolucionária.

Entretantes, as considerações do desenvolvimento histórico do homem como amplo processo educativo, bem como da revolução como educação do homem para novas relações sociais, não podem surgir como pura especulação, como resultado de meras elucubrações sem nenhuma base concreta que lhes dê sustentação.

O segundo aspecto do conceito marxiano de educação, em seu caráter genérico, ou seja, quando se mantém no nível do reconhecimento da processualidade da formação do homem no intercâmbio com toda exterioridade com a qual se defronta, natural e social, como um processo universal e abstraído de determinações históricas, já foi suficientemente discutido e, como ficou claro, não constitui o interesse central de Marx, aliás, é uma questão apenas pressuposta na sua obra. Com efeito, quando essa consideração se detém no contexto determinado da sociedade capitalista, aí sim, ela é central na consideração de Marx - na forma de alienação - na medida em que está essencialmente unida ao problema da emancipação. Por isso, sendo o proletariado a classe que, segundo suas condições históricas, resume em si as principais condições de realizar o movimento revolucionário, então, concentra em si, também, todas as atenções no plano da educação. Desse modo, inclusive quando discute diretamente problemas de educação, como a união trabalho-ensino, a responsabilidade do Estado para com o ensino etc., a preocupação de Marx, se concentra exclusivamente na situação concreta do proletariado. Marx preocupa-se com o tipo de ensino que pode colocar os trabalhadores em condições de, primeiro, resistir da melhor forma aos malefícios da divisão do trabalho, das jornadas extenuantes, da alienação da atividade trabalho e, também, em condições de encontrar a melhor educação que possibilite a realização de sua luta histórica, que possa "elevá-lo acima das demais classes".

Deste modo, Marx não especula sobre a formação dos indivíduos em geral, nas nuances multifacetadas da sociedade burguesa, mas se limita a

considerar que sua natureza contraditória, ao mesmo tempo que estabelece relações alienadas entre homens alienados, cria as condições de desenvolvimento de uma práxis revolucionária. Daí que a questão educacional que se apresenta como fundamental é o reconhecimento desse caráter contraditório da formação do indivíduo pela sociabilidade burguesa, especialmente o desenvolvimento de um desses aspectos contraditórios, a práxis revolucionária, que resulta das próprias relações capitalistas com a pretensão de superá-las. A práxis revolucionária vai ser o processo educativo que surge no interior das velhas relações burguesas e que requer um certo tipo de educação teórica e prática. Para que possa desenvolver-se, aliás, ela mesma engendra esta educação, ela própria é esse processo educativo em si mesma.

Assim, da investigação do segundo aspecto do conceito de educação de Marx, que diz respeito ao amplo processo da formação humana pelas relações que se estabelecem, chegamos ao contexto histórico determinado da sociedade capitalista em que os indivíduos se formam de acordo com as propriedades essenciais dessa forma de sociabilidade, formação esta cujo caráter contraditório já destacamos. Dessa formação contraditória, surge a práxis revolucionária como processo educativo nuclear para Marx, haja vista o fato de ser embrião das novas relações educativas não-alienadas e força propulsora da emancipação humana.

O processo revolucionário de que tratamos, a revolução proletária, é em diversos sentidos um processo educativo. Primeiro porque pretende romper com toda a ordem vigente, os valores, as idéias, as formas de consciência, a moral, os costumes dominantes e pretende, à partir daí formar o homem para novas relações nas quais pode ele se afirmar enquanto tal. É esta a educação do homem mesmo ou, para dizer de outra forma, é a reeducação para que o homem, possa se construir como Homem, como ser não-alienado. Em segundo lugar porque, para tanto, esse processo de educação do homem mesmo, para relações futuras afirmadoras do homem, precisa que se engendrem, no seu interior, processos menores de educação dos indivíduos para o processo de luta amplo e decisivo. Quanto mais eficiente e profundo for o processo revolucionário, quanto mais decisivamente ele romper com "toda a velha porcaria", tanto mais nova e sólida será a construção da sociedade futura. Quanto mais profundo for o processo de transformação do homem, tanto mais livres das velhas deformações será o homem futuro. Do mesmo modo, quanto melhor for o trabalho de educação política, tanto mais profunda será a compreensão do proletariado de sua própria situação, de sua força organizativa e de suas tarefas históricas e tanto mais longe irá a revolução. A revolução, nesses termos, está longe de ser entendida tão

somente como uma luta militar, circunstancial e breve. Ela representa todo um processo de ruptura com a sociabilidade burguesa na sua totalidade. É um processo amplo do qual o enfrentamento militar é apenas uma parte; um processo que não tem início e fim rigidamente definidos, pois nasce e é gestado no interior da velha sociedade e culmina com a construção de uma forma de vida social superior.

A práxis revolucionária se apresenta, assim, como constituída de dois processos distintos que são ao mesmo tempo partes da mesma totalidade. Um dos processos diz respeito à formação ampla do homem, que seria o próprio resgate da humanidade negada no capitalismo, e o outro envolve uma quantidade de questões que estão ligadas à organização do proletariado desde os primórdios de sua resistência contra a exploração do capital, até a extinção das classes. Enquanto o primeiro está associado "a formação" mais geral do homem, ao resgate de suas propriedades genéricas do homem que se afirma na sua atividade vital e na sociabilidade, associado ao resgate do homem não-alienado, o segundo está em referência ao processo de construção de associações, sindicatos, partidos, enfim, meios através dos quais os explorados poderão desenvolver um tipo de educação política, uma certa auto-formação em que intelectuais revolucionários e trabalhadores em geral se autoeducam politicamente para a revolução.

A consideração da práxis revolucionária como momento educativo não é algo inteiramente novo e estranho. Ela é parte da própria tradição marxista. Lênin e Gramsci, entre outros, a consideram como tal. No entanto, essa consideração só nos parece possível se partir de duas questões precedentes. Uma delas é a pressuposição de que a educação é algo ligado à própria existência humana, ao ser social do homem, portanto, ao processo inteiro da sua vida social, ao conjunto das relações e ao fato de ser um processo histórico constante a formação do homem através de sua vida relacional. Outra questão pela qual necessariamente se tem que passar até se atingir essa consideração é justamente a de que a escola é importante para os trabalhadores, mas tem uma importância limitada porque deve encarregar-se de um conteúdo objetivo que permita o menos possível a interferência da classe dominante - e/ou do Estado - como manipuladora dessa educação, enquanto as matérias que permitam interpretações segundo os interesses de classes devem ficar a cargo dos próprios interessados e, de preferência, ministrados fora da escola convencional⁶³. No caso, o que Marx parece

63 No congresso da A I T de 1869, Marx faz uma exposição nos seguintes termos: "As matérias que admitem conclusões diversas não devem ser ensinadas nas escolas; os adultos podem ocupar-se delas sob a direção de professores..."(MARX E ENGELS,

propor é que o proletariado deve lutar pela instrução oficial, enquanto lá se aprende o conteúdo universal necessário, mas não precisa exigir que as instituições oficiais de ensino ministrem Economia Política, por exemplo, pois esse tipo de disciplina é parte do próprio desenvolvimento intelectual e prático do crescimento político, da autoformação do proletariado. Está pressuposto em Marx que a revolução e a emancipação mesma dependem de um conhecimento profundo da realidade pelo proletariado, o que exige uma série de conhecimentos específicos dentre os quais a economia política que, se ocupa das relações de produção capitalistas e é fundamental para a formação do proletariado, tanto que passou a ser o núcleo das pesquisas do Marx da maturidade, na forma de "crítica". Ora, se um conteúdo tão importante para a educação do proletariado é desaconselhado como matéria escolar sendo considerado prioritariamente matéria da autoeducação do proletariado, como questão imanente à sua práxis revolucionária, então não há como deixar de reconhecer nessa práxis um momento educativo fundante no entendimento de Marx. Ao fazer aquela distinção entre matérias que admitem interpretação classista e matérias que não admitem esse tipo de interpretação e ao colocá-las como sendo as primeiras da competência da escola e as segundas, prioritariamente, da competência do processo autoeducativo dos trabalhadores, Marx está não só reconhecendo o caráter educativo da práxis revolucionária, mas atribuindo a ela um papel político-educativo fundamental.

O conceito marxiano de educação - que estamos inferindo - se apresenta, assim, constituído de um duplo caráter: há um aspecto que se apresenta na forma de referências explícitas ao problema da educação, nas quais Marx discute prioritariamente as questões imediatas da vida dos trabalhadores, e os problemas advindos do sistema de exploração da força de trabalho. Neste aspecto a educação surge como antídoto para os danos causados pelo trabalho capitalista, e aí mesmo é colocada a possibilidade efetiva de se entender a práxis revolucionária como processo educativo a partir da distinção entre os conteúdos subjetivos e os conteúdos objetivos; há o outro aspecto, pressuposto, que considera o processo histórico de formação do homem, através da sua vida relacional, como processo educativo; esta

1992:98) Marx separa os conteúdos em objetivos e subjetivos, entre os primeiros estão gramática ciências naturais, etc., e entre os demais está a Economia Política, por exemplo. Em torno desta colocação há toda uma polêmica, que não nos interessa por enquanto - a quem convier, ver o 3o capítulo da dissertação já referida - interessa-nos aqui, justamente o fato de que aparece muito claramente nesta intervenção a idéia de que determinados conteúdos e práticas educativas pertencem efetivamente ao processo de autoeducação dos trabalhadores. E esta dimensão cumpre papel importantíssimo no processo de emancipação ao lado de outras práticas pedagógico-políticas.

consideração permanece no plano genérico, mas, no plano histórico determinado, caso particular da sociabilidade burguesa, esse processo de formação-educação é discutido tendo como base o caráter contraditório da formação dos indivíduos nessa forma de vida social, na qual a práxis revolucionária aparece como materializadora do processo de transformação do homem pela sociabilidade e vai ocupar posição importante no projeto de Marx, por ser via única de acesso à superação de toda alienação burguesa e construção do projeto histórico do proletariado.

Essas tentativas de unificação das diversas formas, como a educação aparece na obra de Marx sob um só conceito, além de ser a real forma do problema, é importante, dentre outras coisas, para que se compreenda melhor cada formulação, sempre como crítica da visa social burguesa, resistência e possibilidade de sua superação.

Dessa forma, a consideração de M. A. Nogueira (1990), segundo a qual a união trabalho e ensino é princípio pedagógico fundamental de Marx, não condiz com o desenvolvimento realizado neste estudo, pois se aceitamos tal consideração, somos obrigados a renegar esta tentativa de esboçar um conceito marxiano ampliado de educação, em que se chega à práxis revolucionária como momento educacional de grande importância para o projeto da emancipação social. Do contrário, somos obrigados a relativizar um pouco o princípio da união trabalho e ensino e não considerá-lo mais como o princípio fundante, mas como uma das propostas mais importantes do Marx que enfrenta o problema da educação.

Segundo se observa, o princípio da união trabalho e ensino cumpre duas ordens de preocupações diferentes: imediatamente aparece como antídoto contra a divisão do trabalho; e mediatamente aparece como princípio imanente às novas relações de produção que superam a produção baseada na propriedade privada dos meios de produção, que extinguem o antagonismo de classes e que, conseqüentemente, não conhecem mais a separação entre teoria e prática⁶⁴.

Ora, se a grande questão que subjaz a toda a obra de Marx é a emancipação humana e se esta apenas se mostra possível pela revolução proletária, então como pode aquela união ser o princípio pedagógico fundamental de Marx? Como pode um princípio imanente às relações de produção futuras ser fundamental para a emancipação atual? Ou como pode uma simples

64 Esta discussão encontra-se mais detalhada no 3o capítulo da pesquisa referida na nota 1. Ver ainda o texto de Manacorda constante desta bibliografia.

proposta tática de resistência à exploração do capital, ser fundamental para a emancipação?

A importância do princípio de união trabalho e ensino é inquestionável, e foi destacada em muitos estudos sobre o tema, mas a sua fundamentalidade é questionada aqui⁶⁵.

Consideramos que a união trabalho e ensino não é o princípio pedagógico fundamental de Marx nem em seu caráter imediato, como proposta para a sociedade burguesa, nem em seu caráter mediato, como questão própria das novas relações. Isso porque como proposta imediata, a práxis revolucionária aparece como momento educativo mais importante e como proposta mediata a sociabilidade livre, não-alienada, em sua totalidade é que é o processo definitivo e amplo da educação do novo homem.

A razão definitiva para recusarmos a afirmação de M. A. Nogueira é exatamente o fato de essa união se referir sempre a uma formação limitada na medida em que diz respeito aos conteúdos de uma atividade produtiva particular e de uma instituição educacional determinada. O fundamental para Marx é sempre a educação como processo amplo, construído pelo conjunto da sociabilidade, constituído de diversos elementos, multifacetado.

Considerar tal união como princípio pedagógico fundamental nos parece um certo reducionismo. M.F. Enguita, discutindo a amplitude da posição de Marx em relação a educação, coloca:

"Reduzir esse componente à educação que se ministra no âmbito escolar seria apenas agarrar-se à concepção burguesa da educação, ao reflexo ideológico do estágio atual da divisão do trabalho, que converteu a educação, num ramo separado." (ENGUITA, 1993:95)

No caso de M. A. Nogueira, não se trata de se confundir o conceito burguês de educação, nem tampouco de se restringir à escola mas, de qualquer forma, trata-se de reduzir a educação ao trabalho e à escola, o que é absolutamente estranho a Marx. Já em "O Capital", o próprio Marx reconhece que o princípio de união trabalho e ensino é apenas parte do processo de transformação que é o fundamental:

"Mas não há dúvida de que a conquista inevitável do poder político pela classe trabalhadora trará a adoção do ensino tecnológico, teórico e prático, nas escolas dos trabalhadores. Também não há dúvida de que a forma capitalista de produção e as correspondentes condições econômicas dos trabalhadores se opõem diametralmente a esses

65 Ver especialmente os textos de Enguita, Manacorda e Nogueira constantes desta bibliografia.

fermentos de transformação e ao seu objetivo, a eliminação da divisão do trabalho. Mas o desenvolvimento das contradições de uma forma histórica de produção é o único caminho de sua dissolução e do estabelecimento de uma nova forma."(MARX, 1989:555)

De forma alguma o princípio de união trabalho e ensino pode ser considerado o princípio pedagógico fundamental de Marx, pois como proposta imediata ele não passa de mais um tipo de "fermento das transformações" e como proposta mediata, tampouco pode ser confundido, pois, nas novas relações, o cotidiano da vida social é que, em última instância, educa definitivamente o homem revolucionário.

Essa tese se confirma com facilidade se colocada diante do problema do tempo livre, do tempo de não-trabalho, como questão da sociabilidade futura.

A própria autora é que confirma a nossa tese. Ela afirma que em Marx, o tempo livre "constituía condição para o desenvolvimento intelectual humano"(NOGUEIRA,1990:132) Ela tenta colocar o entendimento de Marx sobre o tempo livre como tempo importante para o livre desenvolvimento do homem e assegura:

"Em contrapartida, na sociedade socialista a redução do tempo de trabalho necessário à satisfação das necessidades sociais far-se-á... visando liberar tempo para o livre desenvolvimento das individualidades, através da formação científica, artística, em síntese, cultural dos trabalhadores."(Idem., Ibid., p. 135)

E ainda, citando Marx, ela coloca, dos Manuscritos de 1844: "tempo para poder criar intelectualmente e saborear as alegrias do espírito."; dos Grundrisse, ela cita o tempo livre como "tempo que serve ao desenvolvimento completo do indivíduo."; e ainda O Capital, coloca que é "tempo conquistado para a livre atividade espiritual e social dos indivíduos", ou ainda, "tempo para a educação humana, para o desenvolvimento intelectual."(Idem., Ibidem., p. 135)

Do esforço da autora, nota-se com clareza que a atividade trabalho em si não é a única responsável pela formação do homem nessas circunstâncias históricas, especialmente porque o trabalho necessário à satisfação das necessidades é reduzido gradativamente a períodos cada vez menores, restando tempo para a atuação dos homens em diversas tarefas diferentes e livres. No entanto, a autora não entendendo a totalidade da vida social livre, incluindo o tempo de trabalho e o de não-trabalho como o momento da educação completa dos homens, aponta apenas o tempo livre como momento dessa educação sugerindo ser essa a tese de Marx e coloca ainda

que este apresenta a formação do homem no tempo de não-trabalho separada do trabalho. Ela afirma:

"Se, portanto assim como acabamos de mostrar, Marx concebe o tempo livre como requisito para o enriquecimento cultural de homens, parecidos que a este nível, ele pensa a cultura geral... como algo exterior à produção material e sem ligações com ela."(Idem., Ibid., p. 135)

Sem embargo, a consideração genérica da formação do homem no conjunto das relações das quais é resultado e ao mesmo tempo sujeito construtor, presente no segundo aspecto do conceito marxiano de educação, se mostra extremamente correta e necessária para desfazer interpretações semelhantes à da autora citada. Ora, para Marx o trabalho é categoria fundante para se pensar a sociabilidade enquanto totalidade de relações objetivas educadoras. As novas formas de trabalho, não-alienadas, são fundamentais para a formação do homem, mas não são o todo de sua educação; nem tampouco podem ser descartadas do processo de formação do homem novo. M. A. Nogueira esquece o papel que a atividade vital livre tem para a formação do homem, a qual Marx destaca desde os escritos de sua juventude. O fundamental é que ela esquece a transformação que ocorre no trabalho quando se passa do reino da necessidade para o reino da liberdade. O trabalho, para ela, continua o mesmo da sociabilidade burguesa, ou seja, simples meio de vida e não manifestação humana mesma, como atividade vital.

Por um lado, M. A. Nogueira atribui ao trabalho unido à instrução - nesse caso trata-se das duas formas de trabalho, da produção capitalista e das relações de produção socialistas - um caráter fundamental como proposta de Marx para a educação. Por outro lado, ela retira, nas novas relações de produção, essa fundamentalidade do trabalho considerando-a princípio pedagógico e atribui exclusivamente ao tempo separado da produção.

A educação ampla, pelo todo da sociabilidade, é de tal forma fundamental em Marx, sobretudo no estágio histórico superior à sociedade burguesa, que Enguita, por exemplo, afirma:

"De um ponto de vista marxista, não há dúvida de que, a longo prazo, a escola deve desaparecer, dando lugar a sociedade pedagógica..."(ENGUIITA, 1993:106).

Portanto, a autora desconhece a formação ampla, pela sociabilidade, em Marx, como educação fundamental e total donde nascem todas as formas específicas e particulares que a compõem: escolares e não-escolares. Ela parece esquecer que a emancipação é resultado de uma atividade prática revolucionária, que deve ser considerada processo educativo essencial, para

o qual contribui de forma bastante importante o princípio da união trabalho e ensino. Parece esquecer, também, que a questão da educação em Marx deve ser discutida como prática vital, imanente à vida relacional da prática social dos sujeitos históricos.

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e Filosofia da Linguagem. 3. ed., São Paulo: Hucitec, 1986.

BOTTOMORE, Tom. Dicionário do pensamento marxista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1983.

ENGUITA, Mariano F. Trabalho, Escola e Ideologia; Marx e a crítica da educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

MANACORDA, Mario. A Marx e a Pedagogia Moderna. São Paulo: Cortez, 1991.

MARX, K. e F. ENGELS. A Ideologia Alemã. cap. 1, Lisboa:Edições Avante, 1981.

MARX, K. e F. ENGELS. Textos Sobre Educação e Ensino. 2.ed. São Paulo: Moraes, 1992.

MARX, K. O Capital ; Para a crítica da economia política. 13. ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989, 6 vols.

MARX, K. Manuscritos econômico-filosóficos de 1844. Lisboa: Edições 70, 1989b.

MARX, K. Contribuição à crítica da economia política. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

MARX, K. Grundrisse; Elementos fundamentais para la crítica de la economía política. 16. ed., México D. F.: Siglo Vientiuno, 1989c. 3 vols.

MARX, K. Crítica ao programa de Gotha. São Paulo: Alfa-Omega, [s.d.].v. 1.

MONDOLFO, R. Estudos sobre Marx. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1967.

NOGUEIRA, Maria. A Educação, saber, produção em Marx e Engels. São Paulo: Cortez, 1990.

ROSSI-LANDI, Ferruccio. A Linguagem como trabalho e como mercado - uma teoria da produção e alienação linguísticas. São Paulo: Difel, 1985.

SOUSA, Justino Jr. Sociabilidade e educação em Marx. Fortaleza: Faculdade de Educação da UFC, 1994. (Dissertação, Mestrado em educação).

SUCHODOLSKI, B. Teoria Marxista da Educação. Lisboa: Editorial Estampa, 1976.